

MEU CARO TRIBUZI

Nestes teus 50 anos, que a cidade comemora como se fosse os de seu renascimento cultural, não tenho mais a oferecer-te — mãos vazias como tu — do que minha amizade e minha admiração.

Creio que poucos viveram junto a ti anos tão duros e difíceis quanto eu: aqueles do "Jornal do Povo" e de "O Combate", ou sejam, aqueles do combate do povo contra o obscurantismo político e a opressão social.

Quantos sacrifícios! Quantas noites na vigília da rama, após o gastar de sonolentas pupilas nas infundáveis tiras da prova, antecipadamente revisadas pela humilde erudição de Lindolfo!

E como eram gratificantes as voltas para casa, caminhadas nas madrugadas, após a tarefa de abrir janelas, mostrar caminhos, semear estrelas, plantar esperanças — pacientemente — acondicionadas, com todos os pontos, furos e cíceros, no componador de Codó e nos galeões de Marçal! Que tempos!

Quando as velhas linotipos moldavam o chumbo refundido e os morosos prelos de Jabubú matraqueavam nos porões nós acreditávamos, às vezes, que nossos objetivos estivessem muito distantes, ocultos por uma noite definitiva, inatingíveis e inalcançáveis. Vejo, hoje, que o papel, a tinta, o chumbo, o sono, combinados com o entusiasmo que as perspectivas de luz e liberdade despertavam em nossos corpos, novos mas cansados, não foram utilizados em vão.

Quanto é poderosa a força dos fracos quando exercida com amor e pertinácia! Quem será capaz de negar, hoje, liames de positiva consequência entre os ideais e a ação daqueles tempos e o que até recentemente se fez no Maranhão na guerra contra a miséria, a opressão e a injustiça sociais?

Sou testemunha ocular e vivencial da dívida que o Maranhão contraiu contigo pela coragem, pelo despreendimento, pelo encanto, pelo amor e, até mesmo, pela vaidade com que te entregaste à luta pela modificação do quadro de atraso e de pobreza que representava a cinzenta e angustiante sub-vida de nossos irmãos. Arrisco-me até a servir como apurador e avaliador do montante desse débito, vencido e não pago, muito em-



bora nunca tenhas fixado condições e prazo para o resgate.

E pensar que, por cima da vida e até da morte, ainda conseguiste plantar rosas de esperança, colher e distribuir generosa safra e descobrir a pele e o osso de nossos males! Quanto humanismo serenamente vivido e derramado quando tudo era a desesperança, o caos, a intolerância, a mesquinhez de espírito, a perseguição e o combate à inteligência, à lucidez e ao sentimento de fraternidade!

Estou convicto, TRIBUZI, de que as festas em tua homenagem, que os mais chegados a ti agora organizam, quando, exitoso, comesças a descer os degraus dos anos, com a cabeça erguida e o olhar sobranceiro, desprezando os sempiternos feitores dos justos, não representam mais que particular gesto de carinho do que o pagamento do quanto te devem a comunidade e o Estado.

Por outro lado, entendo que essas homenagens não têm a dimensão e a justiça que deveriam ter, porque não tenho notícia de qualquer delas que seja extensiva a Maria e a teus filhos que, certamente mais que tu, sofreram e sangraram nos espinhos do caminho que a tua iluminada teimosia lhes impôs.

É por esse motivo, e, porque movo-me fora da órbita dos literatos — que lideram e organizam as homenagens e já te fizeram ofertas em prosa, verso, ensaio, crítica e oratória — que te ofereço a minha cordialidade amiga como pagamento da parte que a mim e à minha família cabe no débito, mas que te peço beijares a mão de Maria, com o meu mais profundo respeito e mais sincera admiração pela coragem, pelo desvê-lo, pela fibra e pela dedicação com que tem te acompanhado na alegria e nas adversidades.

Recebe, pois, ZÉ, a certeza de minha gratidão por tudo quanto a tua amizade e companhia me proporcionaram nestes longos anos em que convivemos unidos pelos ideais, abraçados pelo Anil e pelo Bacanga, entre o sol e a terra, entre a lua e as cantarias.

São Luis do Maranhão
no Cinquentenário do teu
nascimento

Joaquim Itapary